

Infocracia e Psicopolítica em Byung-Chul Han: Perspectivas ético-políticas diante da digitalização da vida

Infocracy and Psychopolitics in Byung-Chul Han: Ethical-political perspectives on the digitalization of life

Resumo

A caracterização da Sociedade do Desempenho elaborada por Byung-Chul Han aponta para a emergência de novas dinâmicas de poder e processos de subjetivação, em sintonia com demandas do capitalismo contemporâneo mediadas por tecnologias digitais de informação e vigilância, operacionalizadas por algoritmos de inteligência artificial. O presente artigo investiga os desafios para a democracia contemporânea, que se desloca para a infocracia e para a psicopolítica, apresentando as perspectivas de uma política da inatividade e de uma ética da alteridade como formas de enfrentamento da digitalização da vida.

Palavras-chave: Infocracia; Psicopolítica; Digitalização; Política de Inatividade; Ética da Alteridade.

* Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Contato: leandrochevitarese@yahoo.com.br

Recebido em: 30/05/2024 Aceito em: 10/08/2024

Abstract

The characterization of the Performance Society elaborated by Byung-Chul Han points to the emergence of new power dynamics and subjectivation processes, in line with the demands of contemporary capitalism mediated by digital information and surveillance technologies, operationalized by artificial intelligence algorithms. This article investigates the challenges for contemporary democracy, which moves towards infocracy and psychopolitics, presenting the perspectives of a politics of inactivity and an ethics of alterity as ways of confronting the digitalization of life.

Keywords: Infocracy; Psychopolitics; Digitization; Inactivity Policy; Ethics of Alterity.

Introdução

Na sociedade disciplinar descrita por Foucault, o indivíduo constituía-se a partir da coerção, por meio de micropenalidades aplicadas sobre o corpo, edificando-se como um sujeito da obediência, do dever. Todavia, as transformações que marcam a contemporaneidade, incluindo o enfraquecimento das instituições tradicionais, as mudanças na dinâmica do capitalismo, a comunicação digital, os algoritmos de inteligência artificial, as redes sociais e as novas formas de sociabilidade, demandam uma avaliação renovada das relações de poder e dos mecanismos de produção de subjetividade. O presente artigo pretende investigar os efeitos desta problemática em relação à política e à democracia contemporâneas, a partir das contribuições do filósofo Byung-Chul Han, que caracteriza o atual cenário como uma Sociedade do Desempenho e aponta para o deslocamento da democracia para uma *infocracia*.

A presente configuração societária, no âmbito político, sinaliza uma deterioração dos processos democráticos – ainda que velados pela manutenção de uma estrutura social democrática – em favor de uma *infocracia*, que traz consigo uma forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos de inteligência artificial afetam significativamente comportamentos, bem como dinâmicas psíquicas, sociais e políticas. Como compreender os desafios desta nova forma de psicopolítica que se faz presente na sociedade contemporânea? Quais seriam as perspectivas de ação ético-política que permanecem neste cenário crescente de digitalização da vida?

Da Sociedade Disciplinar à Sociedade do Desempenho: Panoptismo Digital e Psicopolítica.

Foucault elabora uma analítica das relações de poder que são próprias à modernidade, apresentando-a como uma “sociedade disciplinar”¹. Nesta mesma perspectiva teórica², Han considera as transformações e deslocamentos contemporâneos, caracterizando a atualidade como uma “sociedade do desempenho” (*Leistungsgesellschaft*)³.

*A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho*⁴.

A análise desenvolvida por Foucault apresenta o mecanismo de produção de “corpos úteis e dóceis”, por meio da tecnologia disciplinar, que depende de vigilância hierárquica, sanções normalizadores e exames contínuos. O filósofo francês apontou para o importante papel das instituições modernas – tais como a escolas, a fábrica, o exército, o hospital, o manicômico e a prisão – para operação deste dispositivo de poder na construção de padrões de normalidade. A vigilância contínua observada nos espaços disciplinares, o controle espaço-temporal, o conjunto de restrições comportamentais e micro-penalidades associadas às possíveis transgressões gerava adestramento social e trazia consigo efeitos de subjetivação. Deste modo, a sociedade moderna gerava indivíduos “normais” – correspondentes a padrões estabelecidos do que seria um trabalhador digno, um bom cidadão, saudável, lúcido e portador da correta sexualidade.

1 Ver Foucault, M. *Vigiar e Punir*, 2010.

2 “As análises das condições de vida sob o capitalismo da Escola Francesa relativamente às perspectivas de Foucault, Deleuze, Badiou e Ranciere, entre outros, encontraram uma reformulação notável, por exemplo, nas obras de Negri, Agamben e Expósito. Justamente nesta linha estão as respectivas elaborações e leituras de Byung-Chul Han”. Butierrez, L. F. “La perspectiva política de Byung-Chul Han y su comprensión de la alteridad”, p.01.

3 Ver Han, B. *Müdigkeitsgesellschaft*, 2010.

4 Han, B. *Sociedade do Cansaço*, p.23.

A investigação apresentada por Han aponta para a emergência de uma nova tecnologia de poder, em sintonia com o neoliberalismo e com as tecnologias digitais de comunicação e informação instantâneas. É interessante observar que muitos dos aspectos desenvolvidos na análise de Han já tinham sido antecipados pelo conhecido (e curto) artigo de Deleuze sobre aquilo que ele denominava como “sociedades de controle”⁵. Publicado em 1990, o texto de Deleuze já apontava para a emergência de uma outra configuração societária e de novas dinâmicas de poder operadas pela vigilância tecnológica contínua, pela progressiva fragmentação dos espaços de confinamento próprios às disciplinas e pelas demandas da lógica empresarial. Segundo o filósofo sul-coreano, tal conjunto de mudanças poderia nos fazer melhor compreender a atual dinâmica social em termos de uma “sociedade do desempenho”, que é necessariamente também uma “sociedade do cansaço”. Neste contexto, despontam novas dinâmicas de poder que operam de modo distinto, favorecendo a constituição de um sujeito empresário de si mesmo, para o qual as possibilidades parecem infinitas. Esse sujeito exige de si cada vez mais desempenho: metas econômicas, sociais, familiares, ou ainda, padrões de saúde, de beleza e de felicidade. Todas as suas conquistas e resultados são submetidos à tirania da visibilidade⁶, ou seja, precisam ser transparentes, expostos em imagem nas redes sociais, no Panóptico Digital⁷. Deste modo, se a sociedade disciplinar produzia como efeito colateral, loucos e delinquentes, a sociedade do desempenho, por sua vez, produz depressivos e esgotados; fomenta cansados, hiperativos e ansiosos.

5 “São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares. “Controle” é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado”. Deleuze, G. “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”. In: *Conversações: 1972-1990*, p.220.

6 “A absolutização do valor expositivo se expressa como *tiranía da visibilidade*. O problemático não é o aumento das imagens em si, mas a coação icônica para tornar-se imagem. Tudo deve tornar-se visível; o imperativo da transparência coloca em suspeita tudo o que não se submete à visibilidade. E é nisso que está o seu poder e sua violência” Han, B. *Sociedade da Transparência*, p.35, meus grifos.

7 “A ideia do panóptico vem do filósofo inglês Jeremy Bentham. Ele concebeu no século XVIII uma prisão que torna possível uma vigilância completa dos prisioneiros. As celas são postas em torno de uma torre de observação que dá ao Big Brother uma perspectiva total. Os prisioneiros são isolados uns dos outros por motivos disciplinares e não devem falar uns com os outros. Os habitantes do panóptico digital, por sua vez, se comunicam intensivamente uns com os outros e se expõem voluntariamente. A sociedade do controle digital faz uso intensivo da liberdade. Ela só é possível graças à autoiluminação e à autoexposição voluntárias” Han, B. *Capitalismo e Impulso de Morte*, p. 54.

*A sociedade do desempenho está totalmente dominada pelo verbo modal **poder**, em contraposição à sociedade da disciplina, que prefere proibições e conjuga o verbo **dever**. [...] O apelo à motivação, à iniciativa e ao projeto é muito mais efetivo para a exploração do que o chicote ou as ordens. Como empreendedor de si mesmo, o sujeito do desempenho é livre, na medida em que não está submetido a outras pessoas que dão ordens e o exploram; mas realmente livre ele não é, pois explora a si mesmo e quicá por decisão pessoal.⁸*

Cabe destacar, todavia, que não se deve tomar tal diagnóstico como uma espécie de obituário das técnicas disciplinares, pois obviamente ainda existem escolas, fábricas, exércitos ou manicômios. Do mesmo modo, permanecem restrições, obrigações e padrões comportamentais submetidos a sanções normalizadoras. Trata-se aqui de uma análise que aponta para um deslocamento em curso, para a emergência progressiva de uma nova tecnologia de poder, que por sua vez não elimina as formas anteriores, mas se sobrepõe a elas.

*Chamamos de Regime de Informação a forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos. Em oposição ao regime disciplinar, não são corpos e energia que são explorados, mas informações e dados. Não é, então a posse de meios de produção que é decisiva para o ganho de poder, mas o acesso a dados utilizados para **vigilância, controle e prognóstico do comportamento humano**⁹.*

O regime da informação articula-se diretamente à forma do capitalismo contemporâneo que se agencia aos mecanismos de vigilância e controle contínuo sobre os comportamentos sociais, transformando os indivíduos em “*animais de consumo e dados*”¹⁰. Quanto maior o número de informações e dados sobre cada indivíduo, maior a capacidade de previsibilidade acerca de escolhas de consumo, preferências morais ou políticas. Deste modo, o gerenciamento destes dados é utilizado para induzir comportamentos e opções de escolha, mesmo que isto não se mostre de maneira evidente para cada cidadão.

8 Han, B. *Agonia do Eros*, p.21, grifos no original.

9 Han, B. *Infocracia*, p.07, meus grifos.

10 Han, B. *Infocracia*, p.07, grifos no original.

*O psicopoder é mais eficiente do que o biopoder na medida em que vigia, controla e influencia o ser humano não de fora, mas sim a partir de dentro. A psicopolítica se empodera do comportamento social das massas ao acessar a sua lógica inconsciente. A sociedade digital de vigilância, que tem acesso ao inconsciente-coletivo, ao comportamento social futuro das massas, desenvolve traços totalitários. Ela nos entrega à programação e ao controle psicopolíticos. A era da biopolítica está, assim, terminada. Dirigimo-nos, hoje, à era da psicopolítica digital*¹¹.

Ainda que não pareça razoável supor que as práticas biopolíticas¹² de controle e gestão da população tenham propriamente desaparecido, Han pretende destacar como as técnicas de poder e os processos de subjetivação atuam cada vez mais em nível psíquico. A ênfase em nomear uma “psicopolítica” busca sinalizar o crescimento dos mecanismos digitais que influenciam de modo inconsciente comportamentos sociais e políticos. Com forte poder de dominação, ainda que velado por um discurso de “liberdade do usuário” ou “liberdade do consumidor”, tal processo encontra-se ligado a interesses empresariais, disputas ideológicas ou projetos governamentais. Para tanto, uma grande quantidade de dados coletados continuamente dos indivíduos (ou usuários), bem como a operação de algoritmos nas redes e plataformas digitais, torna-se essencial: “os *big data* são um instrumento psicopolítico muito eficiente [...]. Trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo”¹³.

Não são poucas as críticas a Han pela formulação do conceito de “psicopolítica”. Para citar um exemplo, segundo Recio Sastre: “Han psicologiza e subjetiva o poder, conceituando um psicopoder do qual emerge a psicopolítica. Articula seus argumentos e considerações tomando como válidas a autonomia e a liberdade da dimensão subjetiva humana, como se esta, de fato,

11 Han, B. *No Enxame: perspectivas do digital*, p.134.

12 Sobre o conceito de “biopolítica”, Foucault afirma no resumo do respectivo curso: “o tema escolhido era portanto a ‘biopolítica’: eu entendia por isso a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças... Sabe-se o lugar crescente que esses problemas ocuparam desde o século XIX e que desafios políticos e econômicos eles vem constituindo até hoje”. Foucault, M. *O Nascimento da Biopolítica*, p.431.

13 Han, B. *Psicopolítica*, p.23.

estivesse separada da corporalidade”¹⁴. Todavia, é preciso ressaltar que uma importante chave de leitura para compreender os argumentos de Han é inseri-los no contexto de um estilo de *escrita retórica*¹⁵ e de tonalidade enfática em suas formulações. Em outras palavras, simplesmente parece implausível supor que o filósofo concebe uma espécie de “desmaterialização do poder”, ou que desconhece todo um conjunto extenso de políticas que atuam diretamente sobre a gestão dos corpos, em nível individual e populacional – desde a polícia até os controles epidemiológicos, passando por retrições migratórias ou processos de marginalização, ou mesmo de genocídio de populações indesejadas. Na verdade, a psicopolítica não substitui ou elimina a biopolítica, mas se sobrepõe e age em conjunto com ela, como mais uma técnica de poder, agora própria ao capitalismo digital. Interessante neste aspecto observar que esta mesma perspectiva interpretativa pode ser bem observada em Foucault, ao afirmar categoricamente que a biopolítica enquanto governamentalidade sobre o corpo da população se articula e se integra às técnicas disciplinares¹⁶ – não se trata portanto de uma substituição, mas, sim, de uma sobreposição e integração com variáveis intensidades em diferentes cenários. A questão é que Han compreende como fundamental enfatizar a ascendência e velocidade de atuação da psicopolítica na esfera contemporânea.

14 Recio Sastre, A. “Análisis crítico sobre las nociones de poder y psicopolítica en el pensamiento de Byung-Chul Han”, p.258.

15 Parece-me importante ressaltar que compreendo a obra de Byung-Chul Han no registro de uma *escrita retórica*, com um estilo ensaístico que recorre a tons enfáticos e alarmantes, como forma de mobilizar a discussão de questões filosóficas contemporâneas. No que se refere ao entendimento de “retórica”, sigo a caracterização apresentada por Lyra que, ao traduzir *pistis* por *convincência* e não meramente por *persuasão*, promove um deslocamento tópico que “permite enxergar finalidades mais amplas [para a retórica], de construção de discursos convincentes, dignos de atenção, independentemente de provocarem ou não efetiva mudança de opinião no público” Lyra, E. *O Esquecimento de uma Arte: Retórica, Educação e Filosofia no século XXI*, Prefácio. Uma outra maneira de afirmar compreensão semelhante da obra do filósofo coreano pode ser encontrada na formulação de Bösel: “Han é um mestre da ênfase e da polêmica, mas não necessariamente da diferenciação [Han ist ein Meister der Zuspitzung und der Polemik, aber nicht unbedingt der Differenzierung]”. Bösel, B. “Der psychotechnologische Komplex – Die Automatisierung mentaler Prozesse als demokratietheoretisches Problem”, p.559.

16 “Durante a segunda metade do século XVIII, eu creio que se vê aparecer algo de novo, que é uma outra tecnologia de poder, não disciplinar dessa feita. Uma tecnologia de poder [biopolítica] que não exclui a primeira, que não exclui a técnica disciplinar, mas que a embute, que a integra, que a modifica parcialmente e que, sobretudo, vai utilizá-la implantando-se de certo modo nela, e incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia”. Foucault, M. *Em Defesa da Sociedade*, aula de 17.03.1976, p.203.

O diagnóstico apresentado por Han aponta para tendências globais emergentes. Por um lado, isto obviamente não significa que este processo se apresente com a mesma efetividade e aceleração em populações e territórios tão distintos como aqueles que encontramos em escala global; nem muito menos significa que investigar contextualizações específicas próprias à diversidade sócio-cultural e econômica não seja uma tarefa relevante – ainda que o filósofo coreano não se dedique a ela. Por outro lado, parece cada vez mais difícil identificar grupos ou regiões que se encontrem efetivamente alheios aos impactos da dinâmica do capitalismo e da tecnologia digital na contemporaneidade. Como afirma Picchione:

Os meios de comunicação digitais criaram uma uniformidade de desejos e necessidades que se aplica não apenas às sociedades ricas, mas também à imaginação das classes sociais economicamente marginalizadas nas partes pobres e subdesenvolvidas do mundo. O capitalismo digital possui ferramentas de nivelamento e massificação mais poderosas do que a mídia eletrônica. A colonização da psique pelos mesmos desejos não tem precedentes¹⁷.

Trata-se, portanto, de um processo que afeta a todos, sejam grupos socialmente marginalizados, economicamente desfavorecidos, ou aqueles com menor inclusão digital – a questão que permanece em aberto refere-se à singularização pertinente a cada contexto.

Se nas sociedades disciplinares Foucault destacou a relevância do panóptico como forma de vigilância contínua em cada um dos espaços de confinamento, na atualidade estaríamos diante de um gigantesco panóptico digital, no qual – ainda que todos vigiem a todos na dinâmica das redes sociais – sem dúvida empresas e governos reúnem capacidades diferenciadas de registrar dados sobre comportamentos morais, sociais, de consumo ou políticos acerca dos indivíduos.

Hoje, o globo como um todo está se transformando em um único panóptico. Não existe um fora do panóptico; ele se torna total, não existindo muralha que possa separar o interior do exterior. Google e redes sociais, que se apresentam como espaços de liberdade, estão adotando cada vez mais formas panópticas¹⁸.

17 Picchione, J. “Byung-Chul Han: Digital Technologies, Social Exhaustion, and the Decline of Democracy”, p.12.

18 Han, B. *Sociedade da Transparência*, p.115.

Esta dinâmica de poder opera de forma mais eficiente precisamente porque se utiliza da motivação, articulada a um processo psicossocial de analgesia¹⁹, promovendo uma sensação entorpecida de liberdade. Os usuários são simultaneamente anestesiados e estimulados continuamente a expor seus dados de modo voluntário. “Hoje, caminhamos para era da psicopolítica digital que avança da vigilância passiva ao controle ativo, empurrando-nos, assim, para uma nova crise da liberdade: até a vontade própria é atingida”²⁰. Restrições violentas e evidentes à liberdade – tal como em uma ditadura – são logo objeto de entendimento, indignação e eventual reação social. Entretanto, na medida em que a própria possibilidade de autonomia e liberdade é diretamente afetada, mas de modo sutil e imperceptível, as formas de resistência ou luta política encontram um campo de difícil mobilização. Se admitirmos com Han que a dinâmica de poder se torna muito mais efetiva na medida em que ela não se apresenta de forma violenta, mas sim quando mostra-se capaz de direcionar a ação dos indivíduos por meio da liberdade, então, como afirma Landázuri, “teríamos que deduzir que o poder das empresas e dos governos em uma era psicopolítica é verdadeiramente avassalador”²¹.

Segundo Bösel, para tratar de psicopolítica é necessário abordar o “complexo psicotecnológico [*psychotechnologische Komplex*]”²² que atualmente influencia a atenção e os afetos, promovendo a construção de convicções e comportamentos cada vez mais controlados por critérios que não são nada evidentes. Somente deste modo seria possível discutir sobre “interferências não autorizadas” e tratar da capacidade deliberativa, bem como da possibilidade de reflexão em torno de um bem comum, no âmbito da democracia contemporânea. Diante da convergência de todos estes elementos seria apropriado falar do crescimento de um “paternalismo psicotecnológico [*psychotechnologischen Paternalismus*], que é em grande parte indiferente ao

19 “A Sociedade Paliativa é, ademais, uma sociedade do curtir [*Gefällt-mir*]. Ela degenera em uma mania de curtidão [*Gefälligkeitwahn*]. Tudo é alisado até que provoque bem-estar. O *like* é o signo, sim, o *analgésico do presente*. Ele domina não apenas as mídias sociais, mas todas as esferas da cultura. Nada deve provocar dor. Não apenas a arte, mas também a própria vida tem de ser *instagramável*” Han, B. *Sociedade Paliativa*, p.14.

20 Han, B. *Psicopolítica*, p.23.

21 Landázuri, M. “De la biopolítica a la psicopolítica en el pensamiento social de Byung Chul Han”, p.202.

22 Bösel, B. “Der psychotechnologische Komplex – Die Automatisierung mentaler Prozesse als demokratietheoretisches Problem”, p.561

posicionamento ideológico”²³. Orientações políticas que poderíamos tomar como progressistas ou conservadoras empregam abordagens tecnológicas de persuasão, com uso de mídias empáticas e engajadoras, formas de gamificação²⁴ e microdirecionamento digital político-econômico. As implicações políticas deste cenário, particularmente para a democracia contemporânea, parecem alarmantes. Tratemos disto na próxima seção.

Infocracia: considerações sobre a crise da democracia na atualidade digital.

Hoje vivemos, em escala global, predominantemente em regimes que se apresentam como “democráticos”. Habitamos em estados constitucionais, que prezam pela garantia de direitos fundamentais, com sistemas jurídicos, liberdade de expressão e de imprensa, direito ao voto e à participação política. Entretanto, talvez saibamos mais claramente o que *não* é democracia, pois nem sempre parece fácil explicar o que constitui a efetividade de tal regime. A edificação de um estado estruturalmente democrático não é algo mais do que uma condição de possibilidade para a democracia, mas ainda parece estar distante da garantia de sua realização. Nestes mesmos estados ditos democráticos, é bastante perceptível a violação de direitos, discriminações, preconceitos, bem como aparatos institucionais – desde a polícia até a justiça – que funcionam diferenciadamente em função de questões de raça, etnia, gênero, sexualidade, classe social ou posição ideológica. Além disso, em nome da “defesa da democracia” surge um conjunto bastante heterogêneo de discursos, que proclamam desde formas de organização mais populares e participativas até aqueles que defendem a própria eliminação da autonomia de tribunais superiores de justiça. Parece inevitável que a pergunta sobre o estatuto ontológico da democracia permaneça ainda como uma questão filosófica em nosso horizonte reflexivo na contemporaneidade. Sem dúvida, muitos pensadores e pensadoras da atualidade tem se dedicado exaustivamente a este assunto – e pareceria injusto citar apenas alguns deles. A contribuição de Han para este debate é tratar do crescente processo de digitalização da vida e seus impactos na política e na democracia.

23 Bösel, B. “Der psychotechnologische Komplex – Die Automatisierung mentaler Prozesse als demokratietheoretisches Problem”, p.566.

24 Sobre a problemática da gamificação e sua articulação com o neoliberalismo, ver Han, B. *Psicopolítica*, Cap. “Gamificação”.

A digitalização do mundo avança, implacável. Submete a uma mudança radical nossa percepção, nossa relação com o mundo, nossa convivência. Ficamos atordoados pela embriaguez de comunicação e informação. O tsunami de informação desencadeia forças destrutivas. Abrange também, nesse meio-tempo, âmbitos políticos e leva a disrupções massivas no processo democrático. A Democracia degenera em Infocracia²⁵.

Na leitura apresentada por Han, parece fundamental assinalar, em primeira instância, dois aspectos: (1) deve-se afastar qualquer “demonização” no mundo digital – o que seria obviamente ingênuo; (2) os mecanismos digitais não podem ser adequadamente compreendidos meramente como uma “nova ferramenta” para impulsionar os mesmos processos políticos já presentes nos estados democráticos. A tecnologia digital não é uma simples ferramenta, acima de tudo por que ela afeta profundamente seu usuário – o sujeito é produzido na sua relação com a tecnologia digital. A interpretação aqui é que as mídias digitais, não são apenas “novos meios” de fazer o que sempre se fez, pois elas alteram de modo significativo os processos de subjetivação, socialidade e engajamento, afetam diretamente nosso modo de pensar e decidir em um nível que opera de maneira pré-reflexiva. “A Infocracia impulsionada por dados mina o processo democrático que pressupõe autonomia e liberdade da vontade”²⁶. Entretanto, tal dinâmica não é percebida como restrição à liberdade, ao contrário, utiliza-se de uma sensação anestesiada de liberdade de navegação na rede para obter seus melhores resultados. O fato é que em nenhum momento histórico as pessoas sentiram-se tão bem informadas, tão conscientes e tão capazes de fazerem escolhas livres, seja na esfera do consumo de bens e serviços, seja no âmbito de escolhas ideológicas ou políticas – análise que deve ser ampliada atualmente às mais diversas camadas sociais.

A comunicação digital traz consigo uma demanda por uma intensa aceleração na troca de informações. Mensagens precisam ser respondidas quase imediatamente, postagens precisam ser curtidas ou obter reações a cada instante, edifica-se um cenário psicossocial, que atravessa dinâmicas profissionais, familiares, sociais e políticas, no qual o “demorar-se” é sinônimo de negligência ou desengajamento. Nunca houve uma sociedade tão acelerada ou compulsiva por informação como aquela em que vivemos. “Dos smartphones, que prometem mais liberdade, parte uma coação fatal, a saber, uma coação

25 HAN, *Infocracia*, p.25.

26 HAN, *Infocracia*, p.39.

da comunicação. Com isso se tem uma relação quase obsessiva, compulsória com o aparato digital. Também aqui a liberdade se inverte em coação²⁷. O problema é que a experiência do pensamento, a elaboração discursiva e a escuta do outro demandam tempo – que não é propriamente um tempo físico, mas uma forma de temporalidade que se revela estranha à dinâmica da comunicação digital e da sociedade do desempenho. Deste modo, “a coação da comunicação acelerada nos priva da *racionalidade*. Sob pressão de tempo, acabamos escolhendo pela *inteligência* [artificial]. A inteligência [artificial] tem toda uma outra temporalidade. A ação inteligente se orienta a *soluções e resultados de curto prazo*”²⁸. Neste cenário, nossas decisões são cada vez mais deixadas a cargo de sistemas de IA²⁹. Isto se mostra presente nas mais diversas esferas da vida humana: o caminho a seguir nas rotas urbanas é direcionado por GPS, compras de produtos e serviços são indicadas pelas plataformas que traçam o perfil do usuário, filmes são escolhidos e direcionados pelos streamings, investimentos econômicos são apresentados como mais rentáveis por algoritmos abastecidos de dados de cada cliente, bem como nossas decisões políticas são sugeridas e induzidas por microdirecionamentos através de imagens, mensagens ou propagandas selecionadas em função do perfil moral traçado pelos big data³⁰.

A suposição crescente de que os big data e os algoritmos empregados a partir deles possam nos oferecer respostas efetivas para nossos problemas em todos os campos da vida, promovem aquilo que Han denomina de *dataísmo*³¹.

27 Han, B. *No Enxame. Perspectivas do Digital*, p.65.

28 Han, B. *Infocracia*, p.36, 37. grifos no original.

29 Uma das dificuldades refere-se ao fato de que “a inteligência artificial aprende com o passado. O futuro que ela calcula não é um futuro no verdadeiro no sentido da palavra. Ela é cega para eventos. Mas o pensar tem um caráter de acontecimento. Ele traz algo completamente outro para o mundo”. Han, B. *Não-coisas*, p.81.

30 “Os *big data* talvez tonam legíveis aqueles nossos desejos dos quais nós mesmos não estamos propriamente conscientes. De fato, em determinadas situações, desenvolvemos inclinações que escapam à nossa consciência. Muitas vezes, nem sequer sabemos por que de repente sentimos certa necessidade”. Han, B. *Psicopolítica*, p.88.

31 Para ilustrar a concepção “Dataísta”, Han destaca um trecho extraído do New York Times em 4/2/2013, escrito por David Brooks, para explicar a transformação social operada pelos Big Data: “se você me pedisse para descrever a filosofia que está na ordem do dia, eu diria que é o dataísmo. Agora temos a capacidade de reunir enormes quantidades de dados. Essa capacidade parece levar consigo certa suposição cultural de que tudo o que pode ser medido e deve ser; de que os dados são uma lente transparente e confiável que nos permite filtrar o emocional e a ideologia; de que

O dataístas percebem “no Big Data e na inteligência artificial um *equivalente funcional* para a esfera pública discursiva prestes hoje a se desintegrar, mas que torna obsoleta a teoria de Habermas da ação comunicativa”³². Processos discursivos poderiam ser substituídos com mais velocidade e eficiência pelo gerenciamento adequado de bancos de dados, que teriam inclusive uma melhor capacidade de compreensão acerca dos anseios e necessidades da população. Algoritmos poderiam ser otimizados continuamente, corrigindo erros de modo automático, minimizando riscos e promovendo a maximização resultados. “A racionalidade digital substitui o aprendizado discursivo pelo *Machine Learning*”³³. Deste modo,

*Dataístas têm em mente uma sociedade que se sustenta completamente sem política. [...] A democracia partidária não existirá mais em um futuro próximo. Dará lugar à infocracia como pós-democracia digital. Políticos serão substituídos por especialistas e técnicos informáticos, que passarão a administrar a sociedade para além de pressupostos ideológicos e independentes de interesses do poder. A política será substituída pelo management impulsionado por dados do sistema*³⁴.

Han nos adverte que o “*dataísmo é nihilismo*. Ele renuncia inteiramente ao sentido. Dados e números são aditivos, não narrativos. Os sentidos, ao contrário, baseiam-se na narração. Os dados preenchem o vazio de sentido”³⁵. Somente por meio de um esforço narrativo³⁶ é possível interpretar e dar significado ao conjunto de informações que se apresentam, pois os big data promovem apenas correlações entre elementos e prognósticos a partir dos dados obtidos.

vão nos ajudar a fazer coisas notáveis, como prever o futuro. [...] a revolução dos dados nos oferece um instrumento excepcional para entender o presente e o passado.” Han, B. *Psicopolítica*, p.79.

32 Han, B. *Infocracia*, p.65.

33 Han, B. *Infocracia*, p. 66, grifos no original.

34 Han, B. *Infocracia*, pp.70,71, grifos no original.

35 Han, B. *Psicopolítica*, p. 82, grifos no original.

36 “A teoria como narração cria uma ordem de coisas, relacionando-as umas com as outras e explicando por que se comportam da maneira como se comportam. Em contraste com os Big Data, ela nos oferece uma forma mais elevada de conhecimento, qual seja, a *compreensão*”. Han, B. *A Crise da Narração*, p. 102.

O autor destaca que esta singular forma de *niilismo*³⁷ que prolifera na contemporaneidade promove uma *desfactualização* do real:

*O novo niilismo é um fenômeno do século XXI. Pertence às negações patológicas da sociedade da informação. Surge ali, onde perdemos a crença na verdade ela mesma. Na era das fake news, desinformações e teorias da conspiração, a realidade, com suas verdades factuais, se nos estraviou. Passam a circular, então, informações totalmente desacopladas da realidade, formando um espaço hiper-real. A crença na facticidade foi perdida*³⁸.

Em outras palavras, além de promover uma descorporificação do mundo e das relações, pelo qual tudo passa a reduzir-se a dados, este novo niilismo, próprio da era das *fake news*, articula uma descrença na *facticidade*, por meio da proliferação de informações totalmente desarticuladas da realidade, em um cenário no qual “a própria diferenciação entre verdade e mentira é que foi anulada”³⁹.

Por um lado, divergentes interpretações que se referem à factualidade podem ser perfeitamente plausíveis, tornando-se objeto de debate e discussão sociopolítica. Um interpretação eventualmente pode se revelar equívoca, precária ou parcial em função de novos relatos, conhecimentos científicos ou reflexões argumentativas. Mas todo debate discursivo pressupõe um assunto sobre o qual se fala, ou seja, um conjunto de elementos que edificam um solo factual comum, um “mundo da vida” compartilhado, a partir do qual diferentes leituras podem se estabelecer e pretendem se justificar. Como afirma Hannah Arendt: “a marca distintiva da verdade fatual consiste em que seu contrário não é o erro, nem a ilusão, nem a opinião, nenhum dos quais se reflete sobre a veracidade pessoal, e sim a falsidade deliberada, a mentira”⁴⁰. Ordinariamente damos o nome de “fake news” às notícias falsas, ou seja, àquelas imagens ou conjunto de informações que não correspondem aos fatos, não

37 Este novo niilismo “não se deve à circunstância de que as crenças religiosas e valores herdados perderam sua validade. Esse niilismo do valor, que Nietzsche expressou com ‘deus está morto’ (...), já está atrás de nós”. Han, B. *Infocracia*, p. 81. Segundo o autor, o niilismo contemporâneo refere-se à hegemonia do dataísmo, e a descrença em relação à própria verdade. Para uma leitura mais cuidadosa da problemática referente ao conceito de “niilismo”, tendo em vista suas diferentes acepções, ver Volpi, F. *O niilismo*, 1999.

38 Han, B. *Infocracia*, p.81.

39 Han, B. *Infocracia*, p.84.

40 Arendt, H. “Verdade e política”. In: *Entre o passado e o futuro*, p.308.

descrevem a realidade. Neste sentido, contrariamente ao que Han afirma, algumas informações caracterizadas como “fake news” podem ser apenas isso: distorções deliberadas da realidade: “notícias mentirosas”.

Por outro lado, “no decorrer da digitalização, a informação alcança um status completamente diferente. A própria realidade passa a ser moldada por informações e dados”⁴¹. Ora, se ocorre efetivamente uma negação da própria realidade factual, não caberia caracterizar o fenômeno das fake news como uma “mentira”⁴², ou uma “notícia falsa”. Talvez seja melhor compreendê-lo como um mecanismo de produção de uma espécie de realidade paralela cuja legitimação se encontra nas próprias configurações informacionais que produzem as fake news e que as replicam no universo digital. Nesta perspectiva, a suposta veracidade de uma fake news desta ordem advém precisamente da velocidade em que ela é compartilhada e da quantidade de *likes* que recebe nas diversas infobolhas em que penetra. Um sintoma de tal característica é que uma fake news com tal status simplesmente não pode ser “desmentida”, pois não importam quais fatos, evidências ou conhecimentos científicos sejam apresentados, sempre surgem novas configurações informacionais que pretendem justificar o que foi afirmado, desde de teorias conspiracionais, interpretações político-ideológicas ou crenças arraigadas que sustentam elementos fundantes da *identidade* dos próprios usuários. “A rede se torna, portanto, *tribalizada*. A tribalização da rede como refactualização do mundo da vida é propagada sobretudo no campo da direita, na qual é maior a necessidade de identidade do mundo da vida”⁴³. Todavia, ainda que tais movimentos possam ser mais significativos em grupos conservadores, pode-se dizer que de modo algum isso lhes é restrito. Há tendências à tribalização e à criação de infobolhas radicalizadas nos mais diferentes setores da sociedade e em função dos mais diversos temas sociopolíticos.

41 Han, B. *A Crise da Narração*, p.27.

42 Como enfatiza Han: “Quem mente de maneira consciente e se contrapõe à verdade, legitima esta última de modo paradoxal. Mentir é possível apenas ali, onde a diferenciação entre verdade e mentira se mantém intacta. O mentiroso não perde a referência à verdade. Sua crença da realidade não é impactada. O mentiroso não é um nihilista. Não põe a verdade em questão. Quanto mais resolutamente mentir, mas a verdade é comprovada [...] Fake news não são uma mentira. Elas atacam a própria facticidade” Han, B. *Infocracia*, p..

43 Han, B. *Infocracia*, p.58.

“Embriagamo-nos hoje em dia da Mídia Digital, sem que possamos avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez. Essa cegueira e a estupidez simultânea a ela constituem a crise atual”⁴⁴. Este entorpecimento, ao qual se refere Han, encontra-se intimamente ligado aos mecanismos de funcionamento dos algoritmos nas redes e plataformas digitais, que impulsionam postagens e mensagens em sintonia com os interesses e opiniões de cada usuário, trazendo como efeito a inflação das bolhas digitais. Este fenômeno atende ao crescente narcisismo que é implícito à sociedade do desempenho, pois o que se vê nas infobolhas é apenas o reflexo de si mesmo – elas atuam como câmaras de eco. Todo questionamento ou adversidade é previamente excluído pelo próprio algoritmo da rede e, caso não seja, é prontamente deletado pelo próprio usuário. Deste modo, fomenta-se a exclusão de toda a relação com a alteridade, bem como a falência da possibilidade discursiva necessária à troca de ideias e ao debate democrático. Parece que tudo se transforma em uma grande batalha de impressões circunstanciadas apenas em afetos ou crenças. Como afirma Han: “nessa infocracia, nessa guerra da informação, não há lugar para o discurso”⁴⁵. A discursividade pressupõe a possibilidade de reconhecimento do outro, bem como do esforço de uma elaboração argumentativa que se mostre plausível e inteligível para este interlocutor.

“A comunicação digital [...] torna uma descarga de afetos instantânea possível. Já por conta de sua temporalidade ela transporta mais afetos do que a comunicação analógica. A mídia digital é, desse ponto de vista, uma mídia de afetos”⁴⁶. A própria estrutura e dinâmica das mídias digitais desfavorece a temporalidade necessária ao pensamento e à reflexão, fomenta, ao contrário, reações intensamente afetivas, sejam de paixão ou ódio, que são estranhas à possibilidade discursiva e à construção de uma efetiva esfera pública⁴⁷.

44 Han, B. *No Enxame: perspectivas do digital*, p.10.

45 Han, B. *Infocracia*, p.43.

46 Han, B. *No Enxame: perspectivas do digital*, p.15.

47 “O ciberespaço não é tanto um lugar para a ação pública, mas sim um lugar para publicação pessoal. A informatização e exibição da privacidade assumem valor como mercadoria, tornando rentável o tema da performance mesmo sem estar ativo. Esta corrente pós-privacidade supõe a renúncia à esfera privada, contrariando os fundamentos da democracia moderna. Assim, tende a se formar uma sociedade sem espaço público e hiperinformação: com opinião midiática e fugaz. Para Han, isto traduz-se numa tendência para a despolitização que é camuflada com uma atenção excessiva ao escândalo”. Almendros, L. “Byung-Chul Han y el problema de la transparencia”, p.178.

É neste contexto que podemos compreender como muitas lutas políticas reduziram-se a formas daquilo que se convencionou chamar de “políticas de cancelamento”. Han denomina este fenômeno a partir do termo *shitstorm*, cujas causas são múltiplas. “Ele é possível em uma cultura de falta de respeito e de indiscrição. Ele é, antes de tudo, um genuíno fenômeno da comunicação digital”⁴⁸. Sob o leque deste conceito podemos compreender, não somente ondas de indignação que tomam acusados de crimes ou transgressões como culpados efetivos acerca daquilo de que são acusados, mas também reações morais de espectros diversos, que tomam um determinado indivíduo ou grupo como alvo de um tipo de *linxamento digital*. É importante observar: o *shitstorm* pode ocorrer em articulação a fake news e em função de teorias conspiracionais, ou mesmo pode surgir advindo de denúncias sobre possíveis crimes hediondos que mobilizariam justificadamente a sociedade. Mas, seja como for, ainda permanece como *shitstorm*, pois ninguém é capaz de pensar ou discutir sobre nada. Neste sentido, Han faz uma interessante observação referente à concepção de poder de soberania, descrito por Foucault como o poder de “produzir a morte”⁴⁹ – diferentemente do poder disciplinar e biopolítico, que visava gerir a vida. Partindo também da análise de Schmith, para quem o poder de soberania era aquele que permitia decretar a excepcionalidade das regras intencionais e democráticas, Han afirma que tendo em vista o fenômeno do *shitstorm*, somos convidados a repensar a própria noção de soberania. “É o soberano, segundo Carl Schmitt, que decide sobre o estado de exceção.[...] Depois da revolução digital, precisaremos reformular novamente a proposição de Schmitt: é soberano quem dispõe do *shitstorm* da rede”⁵⁰. Em outras palavras, pode-se dizer que o fenômeno do *shitstorm* caracteriza-se por uma efetiva suspensão de direitos humanitários e civis presentes no regime democrático. É uma forma de “decretar a morte”, em um primeiro nível digital, mas com evidentes e graves repercussões para a vida cotidiana dos envolvidos. Há *shitstorms* por causas e motivos pelos quais certamente nos mobilizaríamos, por motivos que nos pareceriam perfeitamente justos, mas isso não defaz o mecanismo que está sendo denunciado. O problema é que não há temporalidade para o pensamento⁵¹:

48 Han, B. *No Enxame: perspectivas do digital*, p.15.

49 Ver, Foucault, M. *História da Sexualidade*, Vol.1, Cap V. “Direito de morte e poder sobre a vida”.

50 Han, B. *No Enxame: perspectivas do digital*, pp.19, 20.

51 “O caráter geral de curto-prazo da sociedade da informação não é benéfico à democracia. No interior do discurso vive uma temporalidade que não se dá com a comunicação acelerada, frag-

não há escuta, não há discurso, não há debate. Como afirma Han: “na ação comunicativa, tenho que imaginar a possibilidade de que meu comentário seja posto em questão pelo outro. Um comentário sem interrogação não tem caráter discursivo. A crise atual da ação comunicativa pode ser atribuída ao metanível de que *o outro está desaparecendo*”⁵². Se o outro está progressivamente sendo expulso do universo relacional e político, torna-se cada vez mais difícil a construção de uma ambiência efetiva para o espaço público.

*A comunicação digital provoca uma reversão no fluxo de informações que tem efeitos destrutivos para o processo democrático. Informações são propagadas sem que passem pelo espaço público. São produzidas em espaços privados e enviadas a espaços privados. A rede não forma assim, nenhuma esfera pública. Mídias sociais intensificam essa comunicação sem comunidade. Não se pode formar esfera pública política de influenciadores e seguidores*⁵³.

Diante deste cenário, como repensar as possibilidades de ação ético-política que fomentem melhores condições para a edificação de um espaço público discursivo e dialógico na contemporaneidade? Tratemus disto na seção seguinte.

Perspectivas ético-políticas de enfrentamento do cenário da Infocracia contemporânea.

No contexto da sociedade do desempenho que nos exige a maximização da performance em todas as áreas da vida, em uma dinâmica cada vez mais acelerada e intensa, Han nos convida a uma outra experiência do tempo e a uma revisão crítica de nossas possibilidades relacionais e existenciais. O autor afirma a importância de uma *política da inatividade*. No cenário contemporâneo, cada vez mais torna-se difícil dizer *não* às demandas que se intensificam e se alimentam de nossas próprias capacidades produtivas, pois qualquer recusa vem acompanhada do sentimento de culpa e fracasso⁵⁴. “A obrigação de agir e, mais

mentada. É uma práxis que requer tempo. [...] Na sociedade da informação, simplesmente não temos tempo para ação racional”. Han, B. *Infocracia*, p.36.

52 Han, B. *Infocracia*, p. 52.

53 Han, B. *Infocracia*, p. 49.

54 “O sentimento de ter alcançado uma meta não é “evitado” deliberadamente. Ao contrário, o sentimento de ter alcançado uma meta definitiva já mais se instaura. Não é que o sujeito narcisista

ainda, a aceleração da vida se mostram como um meio eficaz de dominação⁵⁵. Haveria, neste sentido, uma *ação política em não-fazer*, uma ação de recusa à dinâmica de hiperatividade, hiperprodução e hiperconsumismo que é implícita ao neoliberalismo e à tirania da visibilidade contemporâneas. O paradoxo – se é que seja de fato um paradoxo – é que quanto melhor fazemos algo, quanto mais demonstramos habilidades⁵⁶, e quanto mais efetivamente executamos o que quer que seja, tanto mais isto nos aprisiona. É preciso em primeiro lugar *não-fazer* – para que a partir disso se possa pensar melhor o próprio fazer.

Inatividades demandam tempo. Elas exigem muito tempo [lange Weile], um demorar-se intenso contemplativo. Elas são raras em uma época da pressa, na qual tudo se tornou tão a curto prazo, de tão curta respiração e de vista tão curta. Hoje, impõe-se em todo lugar a forma de vida consumista, na qual toda a necessidade deve ser satisfeita imediatamente. Não temos mais a paciência para a espera, na qual algo pode lentamente amadurecer⁵⁷.

Parece claro que uma *política de inatividade*, por sua vez, jamais seria um “nada fazer” mas a possibilidade de uma experiência ontologicamente diferente em relação ao próprio tempo que permite outra forma de agir no mundo. Vivemos ordinariamente o tempo de “descanso” como um período que nos recupera para o trabalho⁵⁸. A proposta de Han é que possamos nos abrir a uma experiência diferenciada, em que o tempo livre não seja meramente tomado como pausa para o trabalho vindouro, mas, sim, que sejamos capazes de uma vivência do tempo para além de qualquer lógica de produtividade

não queira chegar a alcançar a meta. Ao contrário, não é capaz de chegar à conclusão. A coação do desempenho força-o a produzir cada vez mais. [...] Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. E visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir”. Han, B. *Sociedade do Cansaço*, pp. 85, 86.

55 Han, B. *Vita Contemplativa*, p.39.

56 “A liberdade das habilidades gera até mais coações do que o dever disciplinar, que profere ordens e proibições. O dever possui um limite. Mas a habilidade não possui limite algum. Está aberta a elevar-se e crescer. Assim a coação que provém da habilidade é ilimitada. [...] As enfermidades psíquicas como a depressão e burnout são a expressão de uma profunda crise da liberdade. São um sinal patológico de que a liberdade está se transformando em coação”. HAN, *Sociedade do Cansaço*, pp.116, 117.

57 Han, B. *Vita Contemplativa*, p.26. Ver também Han, B. *O Aroma do Tempo: um ensaio filosófico sobre a Arte da Demora*, 2016.

58 “Descanso e trabalho constituem duas formas de existência fundamentalmente distintas. Entre ambos há uma *diferença ontológica*”. Han, B. *O Desaparecimento dos Rituais*, pp.64, 65.

ou de promessa de futuro. Tal reconfiguração intersubjetiva de nossa relação com a alteridade, promovendo uma forma distinta de articulação com o mundo digital e um outro trato com demandas socio-econômicas por desempenho, poderia constituir-se como uma forma política de enfrentamento do cenário em que vivemos.

A perspectiva ético-política apresentada por Han, continua sendo objeto de inúmeras críticas desde suas primeiras publicações. Segundo Ruiz Del Ferrier, o filósofo apresenta “uma noção de poder que se afasta definitivamente do modelo de consenso e do modelo de luta. E, em vez disso, propõe a reunificação desses elementos de poder na fórmula da hospitalidade e da gentileza”⁵⁹. Deste modo, acabaria por fomentar o abandono de quaisquer formas antagonônicas de luta política. Para Sferco, tal configuração revelaria uma “ingenuidade” do autor acerca das consequências políticas de sua filosofia:

*Han pretende fornecer pistas propositivas, em uma chave emancipatória, apontando uma solução urgente e plausível capaz de resgatar a temporalidade da nossa experiência do flagelo da dissincronia e da parestesia da modernidade tardia. [Todavia], a referida recuperação do tempo não posicionará a saída da sua crise na ação crítica, mas na ação passiva – ou melhor, na “inação” –, típica da prática da contemplação*⁶⁰.

Sua filosofia, por tais interpretações, acabaria por resultar em uma “solidão melancólica”, em uma “nostalgia de sensações e ideias”⁶¹. Segundo Ruiz Del Ferrier, o diagnóstico de Han mostra-se “sombrio e desalentador” pois, ao retratar um cenário com elementos quase totalitários, acaba por sugerir “impossível a formação de um contrapoder que possa questionar a ordem estabelecida pela sociedade de controle, desempenho e cansaço. Aqui estão as tentativas sustentadas do nosso autor de exortar seus leitores a elogiar verdadeiramente a inação”⁶². Almendros, por sua vez, compreende que muitas das análises e propostas de Han não apresentam caráter pragmático, não se

59 Ruiz Del Ferrier, M. “Poderes: Contra el elogio a la inacción. Byung-Chul Han y el no-poder-poder-más como racionalidad neoliberal”, p. 34.

60 Sferco, S. “Temporalidades: El tiempo en crisis en la gramática líquida de Byung-Chul Han”, p.71.

61 Idem, p.74.

62 Ruiz Del Ferrier, M. “Poderes: Contra el elogio a la inacción. Byung-Chul Han y el no-poder-poder-más como racionalidad neoliberal”, p. 51.

mostrando úteis para testar possíveis soluções em relação aos problemas por ele apresentados, tendo em vista que “não é possível regressar a um mundo não globalizado, não neoliberal, alheio à Internet e às empresas que a dominam”, sendo portanto “necessário um trabalho intelectual mais pragmático e ativista do que teórico”⁶³. Butierrez também assinala a dificuldade de depreender das formulações de Han um conjunto de ações práticas efetivas, acrescentando ainda que “suas referências generalizadas à dimensão comunitária, sem maiores especificações, podem invisibilizar as singularidades e particularidades sociais que se desenvolvem atualmente no Ocidente”⁶⁴.

De fato, Han não sinaliza uma solução que mantenha os modelos clássicos de consenso ou de luta; aposta no resgate da afabilidade e da hospitalidade; e deixa a cargo de seu leitor elaborar diferenciações acerca das formas de aplicação do cenário que descreve nos contextos multifacetados da atualidade. Todavia, sua proposta poderia ser melhor compreendida como uma outra forma de conceber perspectivas ético-políticas, por meio da afirmação de uma *política da inatividade* e de uma *ética da alteridade*. Mas tal encaminhamento precisa ser tratado com atenção para não ser reduzido à mera ingenuidade, nostalgia, alienação política ou rejeição tacanha ao mundo digital.

Um primeiro aspecto a destacar é que uma *política da inatividade*, uma experiência diferenciada do tempo, em nada se relaciona com a passividade:

*No empuxo da aceleração geral e da hiperatividade desaprendemos também a ira. A ira tem uma temporalidade bem específica, que não se coaduna com a aceleração geral e a hiperatividade [...]. Ela pressupõe uma pausa no presente. É nisso que ela se distingue da irritação. A dispersão geral que marca a sociedade de hoje não permite que surja a ênfase e a energia da ira. A ira é a capacidade que está em condições de interromper um estado, e fazer com que se inicie um estado novo. Hoje cada vez mais ela cede lugar à irritação ou ao enervar-se, que não podem produzir nenhuma mudança decisiva*⁶⁵.

63 Almendros, L. “Byung-Chul Han y el problema de la transparencia”, p.181.

64 Butierrez, L. F. “La perspectiva política de Byung-Chul Han y su comprensión de la alteridad”, p.10.

65 Han, B. *Sociedade do Cansaço*, p.54.

Ordinariamente, relaciona-se a *contemplação* ou a *inatividade* com atitudes de passividade ou resignação. Han enfatiza que, na verdade, mesmo a força necessária para uma transformação significativa advém de uma experiência temporal que parece cada vez menos viável na aceleração em que vivemos. É interessante observar que o autor estabelece claramente uma articulação, tanto da *ira* como da *criação*, com aquilo que em *Sociedade do Cansaço*⁶⁶ – publicado de 2010 – ele denominava como “tédio profundo” [*tiefe Lange-weile*], e que na obra *Vita Contemplativa*⁶⁷ – publicada em 2022 – nomeia como “inatividade” [*Untätigkeit*]. “As pessoas ativas criadoras se distinguem das ativas úteis pelo fato de que elas fazem *para nada*. Justamente esta *parte da inatividade na atividade* torna possível o surgimento de algo *inteiramente diferente*, algo que nunca existiu”⁶⁸.

Neste sentido, “a política da inatividade libera a imanência da vida da transcendência, que é o que a aliena de si própria. Só na inatividade tomamos consciência do solo em que pisamos e do espaço em que nos encontramos”⁶⁹. Em contato com a imanência constituinte da existência, estaríamos em melhores condições de resgatar relações com a alteridade e configurar possibilidades discursivas necessárias à esfera pública da democracia.

*A atomização e narcisização crescente da sociedade nos ensurdecem perante a voz do outro. Levam igualmente à perda de empatia. Hoje cada um presta homenagem ao culto de si mesmo. Cada um performa e se produz. Não é a personalização algorítmica da rede, mas o desaparecimento do outro, a incapacidade de ouvir atentamente, que é responsável pela crise da democracia.*⁷⁰

A dinâmica da sociedade do desempenho favorece a intensificação do narcisismo, estimula a performatividade de um estilo de vida e percepção da realidade. O efeito colateral deste mecanismo psicossocial é o desaparecimento da alteridade.

66 Ver Han, B. *Müdigkeitsgesellschaft*, 2010

67 Ver, Han, B. *Vita contemplativa: oder von der Untätigkeit*, 2022.

68 Han, B. *Vita Contemplativa*, p. 38, grifos no original.

69 Han, B. *Vita Contemplativa*, pp.43, 44.

70 Han, B. *Infocracia*, p.55.

Na análise desenvolvida por Han, a proposta de uma *ética da alteridade*⁷¹, que envolve o reconhecimento do outro e o respeito à diversidade, torna-se elemento fundamental para viabilizar o pensamento e a discursividade no âmbito político. Todavia, é relevante considerar que tal abertura à alteridade não se aplica, como em sentido ordinário, apenas ao “outro humano”, mas também apresenta-se como um chamamento ao reencontro com a natureza em sentido amplo e às próprias coisas em sua materialidade⁷² – em contraste com o cenário emergente de descorporificação e digitalização do mundo. O universo daquilo que ele denomina como “não-coisas”⁷³ tem tomado cada vez mais espaço em nossa vida cotidiana. A recuperação da relação com a materialidade corpórea dos próprios objetos é um fator importante para reconstrução da própria imanência do mundo. Uma *abertura ao outro* envolve também um acolhimento da *alteridade das coisas*, enquanto retomada de nossa possibilidade de sentir, tocar, ver e ouvir, que é constituinte de experiências que precisam ser elaboradas e narradas, produzindo um sentido existencial e social, a ser compartilhado no espaço público. “O estar-exposto [Ausgesetztheit] é uma outra máxima da ética do escutar, apenas ela impede que se curta a si mesmo”⁷⁴. O exercício de tal ética da escuta, do acolhimento, da empatia e da atenção mostra-se como condição de possibilidade para a superação do hipernarcisismo, do tribalismo digital, da guerra de identidades e das ondas de indignação na rede, bem como para a viabilidade de qualquer debate democrático.

71 Ver PINTO, C. B. S., & CHEVITARESE, L. P. “Inflexões da ética da alteridade em Byung-Chul Han: modos de enfrentamento à catástrofe do dataísmo”. In: *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, 2024.

72 Sobre a importância da materialidade e corporeidade das coisas que tende a se perder no cenário contemporâneo, Han afirma: “a ‘fiabilidade’ [Verlässlichkeit] da coisa [material] consiste no fato de que ela incorpora as pessoas naquelas referências de mundo que dão uma sustentação à vida. A coisa com sua “fiabilidade” é uma coisa do mundo. Pertence a ordem terrena. Se a coisa estiver desconectada, como está hoje, dessa plenitude de referência promotora de mundo e se esgotar em pura funcionalidade, sua fiabilidade também desaparece”. Han, B. *Não-coisas*, p. 127. Ver Han, B. *Undinge*, 2021.

73 “Hoje, nos encontramos em uma transição da era das coisas para a era das não-coisas. Não as coisas, mas as informações determinam o mundo da vida. Não habitamos mais a terra e o céu, mas o Google Earth e Cloud”. Han, B. *Não-coisas*, p.12.

74 Han, B. *A Expulsão do Outro*, p.127, meus grifos.

[No atual cenário] Em vez do discurso, tem lugar uma guerra de identidades. A sociedade perde com isso o comum [Gemeinsame], o espírito público [Gemeinsinn]. Não ouvimos mais o outro de maneira atenta. Ouvir atentamente é um ato político, à medida que só com ele as pessoas formam uma comunidade e se tornam capazes de discursar. Ele promove um nós. **A democracia é uma comunidade da escuta atenta**⁷⁵.

Pode-se observar aqui uma tentativa de resposta para a questão sobre o próprio estatuto ontológico da democracia. Não há democracia sem que se possa “conceder ao outro uma prioridade ética, escutar e responder ao outro”⁷⁶. Eis um dos desafios fundamentais que se apresenta na contemporaneidade.

Considerações finais

A sociedade do desempenho diagnosticada por Han apresenta um cenário de busca incessante da maximização da performance econômica e social, digitalização da vida, aceleração da informação e comunicação, hipervigilância, emergência de práticas psicopolíticas e degeneração da democracia em infocracia. O mapeamento das novas técnicas de poder inerentes ao neoliberalismo digital aponta para o hipernarcisismo, o crescimento de infobolhas tribalizadas, a obsessão por visibilidade e a intensificação de microdirecionamentos político-econômicos que operam em nível pré-reflexivo, por meio do emprego de algoritmos de inteligência artificial. As manifestações políticas reduzem-se à proliferação de fake news para a defesa de concepções ideológicas e identitárias, ou à criação de ondas de indignação e cancelamento. Mas se a democracia agoniza, o diagnóstico fornecido por Han traz consigo também perspectivas de enfrentamento deste mesmo cenário.

Han aponta para uma ação ético-política que surge de uma outra experiência do tempo e do pensamento, que demanda uma transformação nas relações intersubjetivas com a alteridade em sentido amplo, articulada a uma forma diferenciada de lidar com as novas tecnologias digitais e com a própria dinâmica do capitalismo contemporâneo. Uma *política da inatividade*, que permita a desaceleração, a experiência reflexiva e discursiva, e uma *ética da alteridade*, que viabilize o exercício da escuta e acolhimento afável do outro em sua

75 Han, B. *Infocracia*, p.62.

76 Han, B. *A Expulsão do Outro*, p.121.

diversidade, surgem na análise de Han como perspectivas de enfrentamento à digitalização do mundo e à infocracia, abrindo caminhos para a consideração do bem-comum e para construção da democracia na contemporaneidade.

Neste sentido, parece-me plausível considerar que a proposta ético-política de Byung-Chul Han pode ser compreendida em sintonia com uma perspectiva de ações que se configuram em uma rede micropolítica,⁷⁷ tal como podemos observar em Michel Foucault. Deste modo, não se trata de propor soluções revolucionárias em nível macropolítico, não seria o caso de propor soluções ideais ou utópicas que resolvam todos os nossos problemas, mas, sim, de investir em um exercício ético-político de resistência⁷⁸. Igualmente, seria razoável afirmar que uma *política da inatividade* e uma *ética da alteridade* podem ser compreendidas como uma forma de resistência – no sentido foucaultiano do termo – ativa, política e engajada, que se mostra fundamental na atualidade. Galparoso, de modo semelhante, compreende que “a rota de fuga proposta por Han (na esteira de Foucault e Deleuze) para escapar desta psicopolítica construída sobre Big Data [...] apresenta semelhanças formais com o apontado em sua época por Nietzsche para escapar da vida decadente”⁷⁹, retomando o sentido de afirmação de uma *arte de viver*, ainda que sem uma abordagem mais política do tema.

A produção de outras formas de subjetividade que possam acolher a alteridade, a escuta, a diversidade e permitam uma experiência discursiva e dialógica, tensionando os mecanismos psicopolíticos atualmente operantes, talvez nos torne capazes de promover ações que, ao se mostrarem presentes e afetarem outros indivíduos, possam pavimentar o campo de possibilidades

77 “O poder deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia. Jamais ele está localizado aqui ou ali, jamais está entre nas mãos de alguns, jamais e apossado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo!” Foucault, M. *Em Defesa da Sociedade*, p.26.

78 Como afirma Foucault: “As relações de poder suscitam necessariamente, chamam a cada instante, abrem a possibilidade de uma resistência; e é por que há possibilidade de resistência e resistência real, que o poder daquele que domina tenta manter-se com tanto mais força e estratégia, quanto maior for a resistência. Foucault, M. “Pouvoir et Savoir”. In: *Dits et écrits*, p.407.

79 Galparsoro, J.I. “Big Data y Psicopolítica. Via de escape: de la vida calculable a la vida como obra de arte”, p. 38 . A partir da seção final do livro *Psicopolítica*, Galparoso investiga como o idiotismo abordado por Han, a partir das considerações de Deleuze, pode oferecer uma ação diferenciada que escape ao controle psicopolítico. “O idiota foge do consenso, quer reivindicar a sua singularidade através do ato criativo e, portanto, quer fugir do mundo da comunicação ilimitada onde as diferenças são anuladas. [...] E esta aspiração pela liberdade faz com que ele pareça desconectado, desinformado”, p.35.

para uma forma de democracia efetiva. Por fim, deve-se enfatizar, como afirma Han, que “*o escutar tem uma dimensão política*. Ele é uma ação, participação ativa na existência do outro e também no seu sofrimento”⁸⁰. E a última palavra que permanece é a “esperança” [*Hoffnung*], uma esperança radical que se alimenta da crítica e abre a possibilidade de um novo tempo⁸¹.

Referências

- ALMENDROS, L. Byung-Chul Han y el problema de la transparencia. *Isegoría*, n.º 58, enero-junio, 2018, 175-183.
- ARENDET, H. “Verdade e política”. In: *Entre o passado e o futuro*. SP: Ed. Perspectiva, 2007.
- BÖSEL, B. “Der psychotechnologische Komplex – Die Automatisierung mentaler Prozesse als demokratietheoretisches Problem”. *Z Politikwiss* 32, 2022.
- BUTIERREZ, L. F. “La perspectiva política de Byung-Chul Han y su comprensión de la alteridade”. *Política y Sociedad*, (Madr.) 59(1), 2022.
- DELEUZE, Gilles. “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”. In: *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed, v. 34, 1992.
- FOUCAULT, M. “Pouvoir et Savoir”. In: *Dits et écrits*. Vol. III. Paris: Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, M. *Onascimento da Biopolítica*. SP: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- FOUCAULT, M. *Em Defesa da Sociedade*. SP: Martins Fontes, 2016.
- GALPARSORO, J. I. “Big Data y Psicopolítica. Vía de escape: de la vida calculable a la vida como obra de arte”. In: *Dilemata*, año 9 (2017), n.24, 25-43.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- HAN, Byung-Chul. *Müdigkeitsgesellschaft*. Berlin: Matthes & Seitz Verlagsgesellschaft, 2010.
- HAN, B.C. *O Aroma do Tempo: um ensaio filosófico sobre a Arte da Demora*. Lisboa: Relógio D’Água, 2016.
- HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

80 Han, B. *A Expulsão do Outro*. p.130, meus grifos.

81 Ver Han, B. *Der Geist der Hoffnung: Wider die Gesellschaft der Angst*, 2023.

- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Editora Âyiné, 2020.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade Paliativa: a dor hoje*. RJ: Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. *Capitalismo e impulso de morte: ensaios e entrevistas*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. *Undinge: Umbrüche der Lebenswelt*. Berlin: Ullstein Buchverlage, 2021.
- HAN, Byung-Chul. *O Desaparecimento dos Rituais: uma topologia do presente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. *A expulsão do outro – sociedade, percepção e comunicação hoje*. Petrópolis: Vozes, 2022.
- HAN, Byung-Chul. *Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- HAN, Byung-Chul. *Infocracia: digitalização e crise da democracia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- HAN, Byung-Chul. *Vita contemplativa: oder von der Untätigkeit*, Berlin: Ullstein Buchverlage 2022.
- HAN, Byung-Chul. *Vita Contemplativa: ou sobre a inatividade*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- HAN, Byung-Chul. *A Crise da Narração*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- HAN, Byung-Chul. *Der Geist der Hoffnung: Wider die Gesellschaft der Angst | Eine philosophische Gegenposition zum derzeitigen Krisenmodus*. Berlin: Ullstein eBooks, 2023.
- LANDAZÚRI, M. C. O. “De la biopolítica a la psicopolítica en el pensamiento social de Byung Chul Han”. In: *Athenea Digital*, 17(1), 2017.
- LYRA, E. *O Esquecimento de uma Arte: Retórica, Educação e Filosofia no século XXI*. SP: Almedina, 2021.
- PICCHIONE, J. “Byung-Chul Han: Digital Technologies, Social Exhaustion, and the Decline of Democracy”. In: *New Explorations Studies in Culture and Communications*. Volume 3, Number 2, 2023.
- PINTO, C. B. S., & CHEVITARESE, L. P. “Inflexões da ética da alteridade em Byung-Chul Han: modos de enfrentamento à catástrofe do dataísmo”. In: *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, 14(2), e85933, 2024.
- RECIO SASTRE, A. “Análisis crítico sobre las nociones de poder y psicopolítica en el pensamiento de Byung-Chul Han”. In: *Revista Scientific*, 4(13), 240–260, 2019.
- RUIZ DEL FERRIER, M. “Poderes: Contra el elogio a la inacción. Byung-Chul Han y el no-poder-poder-más como racionalidad neoliberal”, en: ESPINOSA, L.; GRECO, M. B.; PENCHASZADEH, A. P.; RUIZ DEL FERRIER, M. C. y SFERCO, S. (Eds.), *¿Por qué [no] leer a Byung-Chul Han?*, Buenos Aires: Ubu Ediciones, 2018.
- SFERCO, S. “Temporalidades: El tiempo en crisis en la gramática líquida de Byung-Chul Han”, en: ESPINOSA, L.; GRECO, M. B.; PENCHASZADEH, A. P.; RUIZ DEL FERRIER, M. C. y SFERCO, S. (Eds.), *¿Por qué [no] leer a Byung-Chul Han?*, Buenos Aires: Ubu Ediciones, 2018.
- VOLPI, Franco. *O Nilismo*. SP: Edições Loyola, 1999.